

| | |
|------------|--|
| Título | Sobre G. Steiner, <i>Errata: Revisões de uma Vida</i> . Relógio d'Água, Lisboa, 2001 |
| Autor | Rui Magalhães |
| Keywords | Georges Steiner |
| Origem | Publicado originalmente em <i>Ciberkiosk</i> |
| Referência | V\docs\Steiner_Errata.pdf |

©Rui Magalhães – Uso livre, indicando a fonte

I

Errata, de Georges Steiner, constitui uma espécie de autobiografia intelectual de um autor muitas vezes incómodo, às vezes um tanto ingénuo, mas sempre emocionante e de uma extrema importância, seja qual for a posição que tenhamos face às suas atitudes no estudo da literatura ou nas teorias de tradução. As qualidades e os defeitos deste livro são, no essencial, os mesmos dos métodos interpretativos defendidos por Steiner; também por isso, a sua importância.

Steiner é, antes de tudo, um mestre de leitura quase no sentido da tradição talmúdica. Neste enquadramento, o seu trabalho e as suas múltiplas intervenções mostram-nos à evidência a importância de, pelo menos, duas coisas: a formação clássica (no entanto complementada, no caso de Steiner, com alguma formação científica) e o plurilinguismo que defende com radicalidade e que, seguramente, está na base da sua teorização da tradução.

Errata é uma espécie de tentativa de aplicar os seus métodos interpretativos à sua própria vida.

Num programa televisivo, de resto excelente, intitulado «O Belo e a Consolação», Steiner observa que está, por essa altura, a escrever um livro, uma espécie de autobiografia intelectual, intitulado *Errata* que poderia levar, perfeitamente, como sub-título, o nome do programa. Nesse programa, Steiner lê uma passagem de *Fiesta* de Hemingway e mostra-nos à evidência como o simples nome de um mosteiro (Roncevaux) através de uma referência implícita, organiza todos os elementos narrativos e descritivos, de tal forma que se ignorarmos essa referência, toda a passagem se torna insignificativa ou, pelo menos, corriqueira. E Steiner conclui afirmando que «só um grande génio é capaz de dizer tudo sem dizer nada». É nisso que consiste o essencial do ensinamento de Steiner.

O modo como Steiner vê a relação com o literário inevitavelmente o levaria a um confronto com as actuais concepções de ensino, quadro onde ele efectua uma série de notabilíssimas observações, centradas na ideia claramente expressa na seguinte passagem: «O que é importante é orientar a atenção de um aluno para aquilo que, de

início, excede a sua compreensão, mas cuja estatura e fascínio irresistíveis o atraem» (60).

II

Uma outra questão é, indirectamente, colocada por este livro.

Poderá a sabedoria coexistir com alguma forma de ressentimento? A resposta é afirmativa e o exemplo paradigmático é Georges Steiner.

De facto, o essencial das teorias interpretativas de Steiner apresenta-se como claramente oposto às correntes mais recentes (ou já nem tanto como isso) centradas na desconstrução. Isso tem feito com que nem sempre se tenha prestado a devida atenção às recomendações de Steiner, olhadas como ultrapassadas, o que, de modo nenhum pode ser considerado um facto linear, pelo menos se as tomarmos naquilo que elas, acima de tudo, pretendem ser: um ensinamento da leitura.

Enquanto Nietzsche transmutou o seu ressentimento numa filosofia afirmativa, Steiner criou uma mundivisão catastrofista (ainda que com muitíssimos elementos inegavelmente reais) que apela a uma redenção. Mas a realidade é sempre mais e menos do que a realidade: retomando o que diz em *Presenças Reais*, é verdade que se escrevem milhares de páginas, nas universidades, absolutamente desprovidas de significado e de alcance. Mas é igualmente verdade que, entre esses milhares, existem alguns casos (meia dúzia?) que são significativos. Onde está a realidade verdadeira? Noutras épocas, os autores desses textos não significativos, provavelmente, nem sabiam escrever. Qual a real modificação? Não sabemos se, percentualmente, haverá hoje menos textos significativos do que, por exemplo, na Idade Média ou no Renascimento, embora possamos ter algumas suspeitas.

Steiner tem, inclusivamente, uma visão negativa da sua própria actividade intelectual: «Os erros são cada vez mais insuportáveis à medida que se tornam irreparáveis. Dispersei e, portanto, desperdicei as minhas forças. Os ensaios de *Language and Silence* exigiam uma vida inteira de desenvolvimento concentrado» (183). E, um pouco adiante, conclui: «Mas a tristeza, a *tristitia*, essa palavra latina que nos paralisa, não me abandona» (186)

Donde, Steiner é um homem triste. Talvez aquilo a que, atrás, chamamos ressentimento seja uma expressão mal empregue; talvez não seja mais do que um efeito desta *tristitia*. E, no entanto, Steiner é um homem fascinante e um autor fascinante. Abre caminhos e faz pensar, mesmo quando a nossa tendência vai mais para os caminhos da desconstrução à qual ele se refere como «A trupe do circo desconstrutivo e do pós-estruturalismo...» (170). Mas Steiner tem o dom de baralhar e tornar a dar e aí as coisas já não são as mesmas.

Para Steiner, a interpretação não é uma chave do texto, não visa a sua explicação integral; pelo contrário, a crítica é, no essencial, um alargamento do espaço textual: «O texto e a sua interpretação ou descrição são reciprocamente incomensuráveis. Agem um sobre o outro através de processos que também agem sobre si próprios. Cada explicação, cada proposição crítico-interpretativa é um outro texto» (29). Mas este alargamento não autoriza o descolamento em relação a uma verdade íntima que o texto apresenta e a que devemos ser fieis.

Creio que, apesar de tudo, Steiner é um exemplo de coragem, de saber, de desprezo pelo fútil, qualidades que hoje, não pecam pelo excesso.

Errata é uma espécie de ajuste de contas – extremamente subjectivo – com a vida e consigo mesmo. Steiner percorre a sua infância e juventude, a sua relação com o pai – a vários títulos determinante e talvez justificadora de algum do seu ressentimento (por exemplo contra a psicanálise, ironicamente) –, a sua vida académica. Nestas páginas, ensina-nos a ler não só os textos, mas a vida. E esse é um ensinamento – na sua conjugação – extremamente importante. E Steiner é um mestre nessa conjugação.

Steiner é um homem frágil, um homem apaixonado (que são expressões sinónimas). Comparando a sua atitude com a dos grandes metafísicos e matemáticos, Steiner afirma, no programa referido: «Eu estou sempre à espera que me batam à porta». E acrescenta: «Ao longo da minha vida ouvi a minha amada subir as escadas antes de ela entrar em casa. Uma experiência verdadeira».

Num certo passo de *Errata*, Steiner opõe a máxima moisaica «deixar de ser aquilo que se é» à máxima nietzschiana «torna-te aquilo que és» (75). Talvez essa seja a origem última da *tristitia* de Steiner: de facto, nunca deixou de ser aquilo que é. E assim, irónica e quase perversamente, encontramos um Steiner nietzschiano.